



Ivan Clemente

Movimento Perpétuo

A Dois

TÍTULO

Movimento Perpétuo | A Dois

AUTOR

© Ivan Clemente

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

© Maria Reis Rocha

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

© Alfarroba

DESIGN

Alfarroba

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Diário do Minho

ISBN

978-989-9068-18-6

DEPÓSITO LEGAL

487 158/21

DATA DA EDIÇÃO

Setembro 2021

Por vontade do autor, o livro não segue as normas do AO 90.

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º
2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Está proibida a reprodução total ou parcial da obra, sem a prévia autorização pela editora.

Direcções:

Este livro são dois, duas partes complementares de uma viagem, metade a dois e metade a solo. Tal como as faces de uma moeda, não há uma ordem estabelecida entre elas, cada uma apresenta imagens independentes e ao mesmo tempo inseparáveis. O percurso final será o mesmo, porém, a perspectiva pode resultar um pouco diferente de acordo com a sequência de leitura, e essa deixa-se ao critério do leitor. Escolher um dos livros para começar (ou deixá-lo ao acaso), segui-lo até ao fim, e aí, se houver vontade de continuar, pegar no outro livro e prosseguir.

Os termos locais (e alguns nomes) aparecem em itálico a primeira vez que surgem no texto e estão indexados num glossário.

Movimento Perpétuo

A Dois

MUMBAI

1

Um aeroporto, é inevitável falar num aeroporto. O que aborrece, porque um aeroporto é uma versão saneada do exterior, uma ilha que propositadamente se isola do que há em torno e com tendência para se tornar como outro qualquer, um espaço uniformizado que poderia ser encontrado do outro lado do globo. Quando trabalhava em Moçambique e tinha de viajar para Tete, no interior, era como aterrar no quintal de um amigo: o aviãozinho com duas hélices deixara Maputo, parara em Nacala ou na Beira para largar e apanhar mais passageiros, e fazia a tremer a descida final para pousar entre o verde e amarelo da savana e uma vivenda branca com quatro listas de relva, que era o aeroporto. Saíamos do avião para a pista empoeirada, a ondular de calor, e caminhávamos a pé por entre as faixas relvadas com umas árvores raquíticas. A puxar a minha mala de três dias, deixava para trás os passageiros que esperavam o carrinho com as bagagens de porão, a meia dúzia de funcionários de fardas puídas e sempre ensonados que dali a pouco poderiam voltar a adormecer (era o único voo do dia), e estava na rua. Não seria assim no aeroporto de Delhi ou de Mumbai, não podia ser, se poderá haver mais que dizer de pequenos aeroportos de província, que por distância e pouco uso não perderam ainda a originalidade, num aeroporto internacional de uma grande metrópole não há por onde escapar. Ainda não sei ao certo o que esperava na primeira vez que voei para a Índia, há três anos atrás. Os aviões haviam de descolar e aterrar da mesma maneira, não seria um piloto sentado em posição de lótus no cockpit a fazê-lo levitar com o poder da mente, e à chegada, homens brônzeos e ma-

gros de panos enrolados à cintura a correr na pista para prender o avião num laço de corda e travá-lo à força de braços, deixando-nos à mercê de uma turba de indigentes a arrastar-se pelo alcatrão de mão estendida, entremeados por faquires e sábios de barbas, com eflúvios de miséria e elevação espiritual temperados com canela e cardamomo a pairar no ar... Por essa altura tinha já viajado por quatro continentes, vivera um ano em Moçambique, com alguma presunção julgava-me livre de preconceitos. Sabia o suficiente para saber que seria um aeroporto semelhante aos outros e ainda assim esperava um choque (talvez fosse um pouco mais gasto e mais sujo, com cheiros pungentes, muita gente, calor, um labirinto de sinais incompreensíveis...), um choque que aguardava não para lá do entusiasmo da viagem, fazia parte dele, desejava ser abanado logo na aterragem. Preparara-me mentalmente para quase tudo menos para o abanão que não veio no complexo moderno que despachava milhões de pessoas com a eficiência asséptica de um aeroporto europeu.

Agora, três anos mais tarde, já sabia o que esperar, e é a Sara que encontra tudo pela primeira vez. Após o abraço de alegria, ajuda-a a colocar a mochila às costas, ela quase tropeça sob o peso e rimos como miúdos. A sinalética em Inglês encaminha-nos rapidamente para a saída, e já ela me inunda de perguntas a que nem sempre sei responder. Também a Sara tem viajado, e apesar da familiaridade das paredes de vidro, dos tectos altos, da luz branca, das passadeiras rolantes, do cheiro enjoativo das lojas de perfumes na atmosfera do ar condicionado, logo ela se ilumina de fascínio com os trajes coloridos que aqui se multiplicam, até nos painéis publicitários que nos aliciam nas paredes. Especados em frente à porta, um par de militares com metralhadoras penduradas lembram-me que se sairmos não nos deixam voltar a entrar. “Espera, a Sadhna disse para marcarmos um táxi cá dentro. Lá fora temos de regatear.” Descobrimos o balcão com os destinos e os preços inequivocamente tabelados, peço um carro sem ar condicionado para poupar umas rupias.

Na rua a Sara inspira com satisfação o ar pesado e quente. “Que saudades do bafo dos trópicos!”, e não há ironia nessa exclamação. Atrás das barras metálicas que separam os chegados dos expectantes, entre os homens de camisa branca a segurar folhas de papel com nomes desconhecidos e o mar de táxis amarelos e pretos que parecem saídos de outra era, vemos a Sadhna, com uma *kurta* amarela e as bochechas redondas levantadas num sorriso aberto que tão bem conhecemos. Continua a ser para mim uma incógnita como cumprimentar uma mulher na Índia, se ficou próxima sente-se falta de um gesto mais caloroso para o demonstrar, no entanto o contacto físico gera quase sempre estranheza, senão mesmo desconfiança. Com a Sadhna não sei se se aplicam ainda as regras da nossa amizade na Europa ou se passam a ser outras aqui. Ela desfaz as dúvidas abraçando-nos aos dois.

Quase sem reparar no taxista, entramos para o banco de trás de um velho *Ambassador*, amarelo e preto como os outros. A Sadhna quer saber como correram os nossos voos. Nós perguntamos pelo trabalho dela, está a ultimar a tese de doutoramento que a ocupou durante quatro anos em Amesterdão, onde a conhecemos. O Rahul, outro amigo de Amesterdão, pediu para lhe ligarmos assim que chegássemos, e a Sadhna coloca-o em alta-voz para todos ouvirmos. No lugar do meio, a Sara fica a segurar no telefone.

“Hey!” cumprimenta o Rahul. “Como foi a viagem?”

“Boa!” diz a Sara, com o entusiasmo da chegada ainda bem aceso. “E tu? Como estás? O que tens feito?”

“Estive com a minha mãe na nossa casa em Jharkhand, a trabalhar na minha tese. Agora estou aqui em Mumbai para umas entrevistas de trabalho.”

“Estou tão feliz de estar aqui contigo e a Sadhna! Temos tanta sorte por estarem os dois de volta à Índia, obrigado outra vez por nos receberes Sadhna!”

“Claro, não há problema.”

“Têm sorte de ficar com ela” prossegue o Rahul, “é tudo demasiado caro em Mumbai. Até eu estou a ficar ilegalmente

no meu antigo campus. Tenho a certeza que vão estar muito confortáveis com a Sadhna.”

“Preciso de vos dizer que vivo com os meus pais e a minha irmã” alerta a Sadhna. “Eles vão andar pela casa também, mas vão ter um quarto para vocês.”

“Não se esqueçam de tocar nos pés de toda a gente assim que os virem, é a maneira indiana de mostrar respeito aos mais velhos. Mas não precisam de tocar nos pés do taxista hahaha!” O Rahul ri generosamente. Tem um repertório vasto, a risada curta e seca, estas de duração intermédia e moduladas, um pouco nervosas, que lhe arredondam o fim dos chistes e convidam a acompanhá-lo, e as gargalhadas soltas, volumosas, que em ocasiões até lhe trazem as lágrimas. Risos escarninhos, dissimulados é que não, são sempre sem maldade.

A Sadhna ri-se também. “Rahul... Então vou tocar os teus pés na próxima vez que te vir!”

“Não, não, não, não é necessário! Não sou assim tão velho, o meu cabelo grisalho não simboliza a minha idade.”

“Ninguém sabe qual a cor verdadeira do teu cabelo Rahul, continua a mudar como as estações.”

“É um enigma, ainda vão fazer doutoramentos sobre isso” diz o Rahul.

“Seja como for, contamos com vocês para nos ensinarem todos os costumes indianos” digo.

“Não se preocupem, vão ambos voltar como indianos completos” diz o Rahul. “Espero que não estejam demasiado cansados, reservei bilhetes para o cinema hoje à tarde, como parte da vossa calorosa recepção.”

“E nos próximos dias” pergunta a Sara. “Are you busy or do you have time for *horsing around*?” O Rahul aprendeu a expressão ‘horsing around’ e em Amesterdão adoptou-a como o seu chavão.

“Eu arranjo tempo, vamos horsing around!” A nova gargalhada é interrompida por um ataque de tosse.

A Sara espera que a tosse acalme. “Estás bem Rahul?”

“Sim, sim, é só uma alergia...”

“Alergia a quê?”

“Poluição. Estive muito tempo fora, o ar puro de Amesterdão estragou-me. Sinto falta das nossas excursões no campo. Fazer o mesmo em Mumbai seria como fumar dois maços de cigarros inteiros.” Ri-se.

“Há outra coisa que vos queria perguntar” diz a Sadhna. “Está a decorrer um festival chamado *Navratri*. Temos eventos de música e dança durante a noite, por toda a cidade. Se estiverem interessados podemos ir. Podem dançar com os outros ou ficar a ver.”

A Sara fica ainda mais entusiasmada. “Sim, vamos!”

“Tu também Rahul.”

“Parece prometedor” responde o Rahul. “Vamos observar a multidão. Observar a multidão na Índia é como fazer observação de pássaros ou de animais selvagens. Sara, vais ficar surpreendida por ver que três quartos da humanidade estão em Mumbai. Vamos tirar fotografias ao lixo. E às vacas.”

Depois da chamada abrimos os vidros para espantar o calor que se acumula no interior do carro. A Sara espreita para a rua, volta a aspirar o ar quente. Deixámos o aeroporto, o trânsito flui ordenado nas faixas largas da auto-estrada, ladeadas por palmeiras. A cidade abeira-se devagar. Para lá do viaduto, a uma distância inócua, vê-se o pico espelhado dos arranha-céus, um morro com uma mancha indistinta de baracos.

É ao descer a rampa para sair da auto-estrada que a massa gargântua e caótica nos invade, as buzinas irrompem com o calor e o fumo dos escapes pelas janelas abertas e as narinas, veículos e peões baralham-se, procuram enfiar-se em qualquer espaço, a divisão das faixas deixa de fazer sentido. O quadro, ainda estranho o bastante para me excitar e irritar, já não é desconhecido para mim, e num primeiro momento não é tanto o que está à volta que concentra a minha atenção, são os olhos que se estreiam no espectáculo. A confusão não pode ser inesperada, falta-nos só ver a proverbial vaca no caminho, e porém, tal como o gancho de um peso-pesado que se

abate sobre nós, as conversas prévias, as imagens, os vídeos, pouco podem para ajudar a encaixar o impacto da realidade. É impossível repetir uma primeira impressão, agora é no rosto da Sara que a procuro, vou sintonizado para captar todas as reacções dela ao turbilhão de carros, motas, tuk-tuks que se apertam e esmagam numa disputa selvagem, autocarros e camiões pintados com cores garridas, motivos florais, mensagens em letras gordas nas traseiras que convidam a buzinar (HORN OK PLEASE), as buzinas que troam sempre, das roucas às mais esganiçadas, bicicletas, carros de mão puxados por vendedores ambulantes, pessoas que se esgueiram entre os veículos ou deitadas nos separadores centrais a dormir, imunes à cacofonia nervosa, as estradas e as paredes fuliginosas, o calor que irradiam, o pó e o fumo. Sem ter três quartos da população mundial, como dizia o Rahul, concentra-se aqui mais do dobro da de Portugal. Há uma violência inerente numa massa de gente compactada em tão pouco espaço, uma massa informe e incompreensível que por muito que nos estimule a descobrir-lhe os meandros, carrega a ameaça de nos obliterar nos seus mecanismos desmedidos, impessoais, um perigo que nos esgota e aguça os sentidos com a necessidade constante de estar alerta. É o primeiro teste, o olhar da Sara, vivo e desperto, salta por todo o lado. A Sadhna vai descodificando.

“O que é aquilo?”

“É um vendedor de comida de rua, não consigo ver o que está a vender.”

A Sara deleita-se: “Mmmm, vou ser tão feliz!”

“Não podem comer tudo o que vêm na rua, podem ficar doentes. Mas não se preocupem, vou levar-vos aos melhores sítios.”

“E o que estão a fazer aquelas pessoas todas?” Uma multidão reúne-se sob um grande cartaz com uma fotografia.

“São budistas. Também celebram um festival hoje. Aquele é o guru deles, *Ambedkar*.”

A Sara aponta para um pórtico entre dois muros, formado por uma lona com fotografias de vários homens. “São tudo gurus?”

“Não, esses são políticos. Aquilo é o recinto para um evento de Navratri como o que nós vamos. O Navratri é uma celebração Hindu.”

“Mas as caras estão em todo o lado!”

“Os partidos patrocinam muitos eventos. Aquela mão é o símbolo do Congress Party, vais ver alguns do BJP com flores de lótus e a cara do Modi, e outros partidos também. Conheces *Narendra Modi*, nosso primeiro-ministro?”

Após muitas paragens e arranques entramos num subúrbio pacato. Há menos carros e usam menos as buzinas. As árvores viçosas que rompem nos espaços não ocupados pelo cimento e alcatrão impossibilitam que o olhar se perca para muito longe, por momentos é possível esquecer que estamos em Mumbai. Paramos em frente a um prédio semelhante a outros. As grades de ferro nas janelas e nas portas fazem-me lembrar Maputo, tenho a certeza que a Sara repara no mesmo, mas não há tempo para comparar impressões. A Sadhna abre uma porta para nos deixar passar e a família já está ali para nos receber, o pai, a irmã, a mãe, um aperto de mão, outro aperto de mão, e com a senhora a linguagem corporal diz-nos que seria proximidade a mais, imitamo-la com um aceno de cabeça e juntando as palmas das mãos à altura do peito.

Na sala o pai da Sadhna desempilha três cadeiras brancas de plástico. A irmã toma a iniciativa, “Por favor, sentem-se. Como foi a viagem? Querem alguma coisa para comer? *Chai*?” As mulheres desaparecem na cozinha e o senhor senta-se perto de nós, muito afável e delicado. Fala o suficiente de inglês para nos fazer entender o prazer que tem em receber-nos e a curiosidade pelo nosso país. Fica surpreendido por o inglês não ser a nossa língua nativa. A sala é quase despida de móveis, paredes brancas, chão de pedra, as cadeiras de plástico empilhadas, uma secretária, os jornais do dia numa mesinha com tampo de vidro encostada à parede, uma cómoda com a televisão e o telefone, coberto com um paninho, como me lembro de ver em casa de pessoas mais velhas, que ainda tratam as máquinas com pasmo e reverência. Por baixo da televi-